

As mil e uma faces do Lago Paranoá

Fernando Bizerra Jr./ BG Press

Esportes náuticos encantam migrantes de todo o país

FLÁVIA ROCHET

Snokel, veleiros, lanchas e chalanas. As faces do Lago Paranoá escondem migrantes que se tornaram verdadeiros nativos. Às margens do "litoral" candango, um cenário pouco conhecido pelo brasileiro. Lazer e prazer no terceiro maior estado em número de competições de regatas em todo o Brasil. Apesar de ser um *hobby* caro, Brasília possui cerca de 3 mil embarcações cadastradas na Delegacia Fluvial.

No caso do paulista Carlos Eduardo Nottolini, 42 anos, a paixão pela água acabou virando fonte de renda. Há cinco anos que ele veio de Santos (SP) para a capital da República. E, segundo ele, não se arrepende.

– São Paulo não tem a qualidade de vida que se tem em Brasília. Eu trabalho com o lazer e o prazer. Hoje eu aproveito o meu barco muito mais do que aproveitava quando eu morava no litoral paulista – disse Nottolini.

Um dos requisitos para largar a firma de Comércio Exterior e se mudar para Brasília era trazer a sua lancha Cobra Mirage 28 pés, movida a motor Mercedes

Benz, para desbravar as marolas do Lago Paranoá. Foram 26 horas de estrada para trazer o barco, estimado em R\$ 80 mil. Detalhe: para garantir que tudo acontecesse nos conformes, Nottolini veio durante todo o percurso dormindo dentro da cabine da lancha.

– O mar é completamente diferente do lago. O Paranoá é praticamente um espelho.

“São Paulo não tem a qualidade de vida que se tem em Brasília”

Nottolini e faz passeios com os clientes do restaurante Patú Anú. O barco leva o nome da mulher, Marcella. Segundo ele, também uma homenagem aos antigos velejadores. Reza a lenda, que os barcos que tivessem nome de homens eram levados ao fundo do mar pelas belas e encantadoras sereias. Se em alguns dias ele faz passeios românticos com jovens casais, ao som de *La Barca*, em outros, ele aproveita para namorar, à luz da

lua e regado a muito vinho.

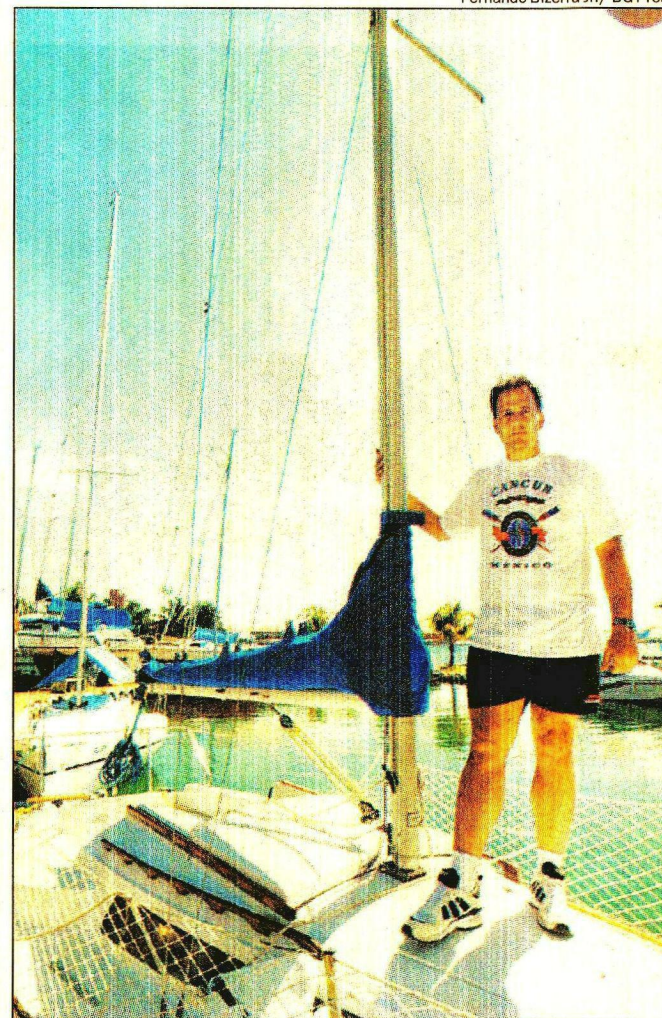
– Meu segundo grande amor é o barco. Marcella é o primeiro. Mas, ela que se cuide – brincou.

Mesmo com a lancha movida a diesel, ele gasta cerca de R\$ 2,5 mil com combustível por mês. O trabalho, apesar de ser a paixão de Nottolini, é árduo: a lancha que saiu com 180 horas de navegação do Guarujá (SP), hoje está com 790 horas de uso. Mas, o gosto pelo movimentado e traiçoeiro mar não acabou. O paulista ainda tem a habilitação de mestre amador, na qual pode navegar em mar aberto, até 20 milhas da costa.

Apesar de ainda leigo no assunto, Antonio Pratesi, 38 anos, não resistiu aos encantos do Lago Paranoá. Para fugir do estresse da rotina, o militar se refugia no veleiro Scherazade, um Oday de 23 pés. Nos finais de semana, ele curte com a família um lual com direito a churrasquinho.

– Aqui no lago a gente perde a noção do tempo. Tem seis meses que eu velejo e sempre que posso eu venho navegar. Final de semana é sempre no clube – disse.

flaviar@jb.com.br



BARCOS
Pratesi (ao lado) e Carlos Eduardo (abaixo) são apaixonados pelos encantos do Lago Paranoá

